
Antonio Houaiss

Afonso Henriques de Lima Barreto é o nome, por completo, do escritor –em especial romancista– que no pré-modernismo, isto é, antes de 1922, buscou seu lugar ao sol, imbuído de ideais estéticos e literários que, por serem postulados por ele, só após sua morte, foram reverenciados pelos interessados na literatura brasileira.

É que a sua condição de mulato entrou em conflito com as vozes mais altas do seu tempo. Estas, em tom ostensivo ou à socapa, punham em evidência, no mulato, a petulância afirmativa, a estima própria, a coragem de afirmar-se e afirmar ideais de concórdia humana, postulando um tipo de convívio social com entranhado fundo humanitário. Esse fundo, que por momentos assumiu feição de militância política crítica, sensível em quase toda a sua obra, foi também o lastro ético que o fez capaz de suportar no seu pai o diagnóstico aberto de alienado ou louco, e prepará-lo para enfrentar em vida a condição de ébrio inveterado e mesmo de louco –o que gerou páginas de autoconfidências que tangenciam a genialidade.

Representando um tipo de criador crítico, com ampla divulgação em suas obras maiores –os romances– e nas menores, com contos e crônicas, aqueles prestigiados cedo ainda, estes dando sua presença na vida da capital federal no que esta era ligada às camadas populares, Lima Barreto é, sempre, um autor que discute com a língua, com o estilo, com a temática, com as personagens, com os homens que fizeram história. Essa postura crítica dá à sua obra uma relevância polêmica que o prejudicou em vida quase brutalmente, levando-o a confissões de derrotado sempre disposto a aceitar a luta –não com certa esperança, em última análise, o que o levou a candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, para acrescentar-lhe o sentimento de frustração.

O fato é que o renascimento da importância desse dos mais relevantes criadores literários brasileiros se fez lentamente e ainda hoje não tem o leitorado que merece. A sua posteridade tem, entretanto, marcos relevantes em algumas personalidades que se ligaram a ele por pura devoção. É o caso de Francisco de Assis Barbosa, que lhe escreveu a biografia num livro apaixonante, mas objetivamente factual, o que lhe eleva o estatuto de documento lapidado. A Chico Barbosa se deve ainda o interesse que logrou despertar em Caio Prado Júnior, na qualidade de editor, levando-o a adquirir o acervo do escritor deixado aos cuidados da irmã de Lima Barreto, que sem essa diligência é impossível supor o destino que poderiam ter tido. A Chico Barbosa se deve também, o ter associado ao seu limismo o excepcional crítico Manuel Cavalcanti Proença e a mim, para a elaboração da edição das obras completas de Lima Barreto, o que o tornou acessível a um grande leitorado e foi fonte de um renascimento da obra de Lima Barreto e matéria para um interesse pela Obra e pelo Autor de que dá conta a bibliografia estampada nesta edição, estabelecida por Luiz Antônio de Souza, num total de 810 títulos.

Creio que esta edição do Triste Fim de Policarpo Quaresma irá ressuscitar o que, aliás, não estava morto: o interesse e a leitura dessa obra maior de Lima Barreto, criador, nela, de um herói popular que simboliza o brasileiro, com sua tenacidade em esperar e esperar pela nova sociedade que irá brotar neste solo algum dia e em que Policarpo Quaresma sempre creu e os brasileiros continuam a crer.

O poder criador de Lima Barreto afirma-se, nesse romance, pela perdurante validade de sua descrição de um cenário ético e das personagens que o integram, fazendo emocionarmo-nos e desejar que todos o leiamos com afeto.

A importância desta edição, na linhagem das edições críticas dos Archivos latinoamericanos de Literatura, com estudos para esta edição e pregressos, é que dá de Lima Barreto e da sua obra um painel conspectivo, que orientará a ressurreição do Autor e da Obra.